SENDO ESTA UMA OBRA DE FICÇÃO,
O SEU CONTEÚDO DERIVA DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR.
QUALQUER SEMELHANÇA COM FACTOS DA VIDA REAL,
NOMES, PESSOAS, EPISÓDIOS, É MERA COINCIDÊNCIA.

A vida é uma viagem com um ponto de partida e outro de chegada. Quase sempre, no fim da viagem, reflectimos sobre o que devíamos ter feito e não fizemos. Mas ainda que muitas coisas tenham ficado para trás, a viagem deixa sempre saudades. Por isso, não desistas a meio do caminho. Vive a tua vida de forma serena, mas com a maior intensidade possível. É que só se vive uma vez.

Se estás a ler este livro, é porque estás vivo.

ESTAÇÃO DE CAMPANHÃ

Porto, 12 de Janeiro de 2016.

São 8h52. Está na hora de o comboio Intercidades partir com destino a Lisboa. Já acomodei a mala de viagem. Não levo muita coisa, apenas o indispensável para me remediar durante os derradeiros dias que tenho para viver e que julgo não serem muitos. Um cancro em fase terminal não dá muitas ilusões. O médico que lançou a bomba atómica aconselhou um tratamento de choque — radioterapia e quimioterapia em doses agressivas —, mas optei por morrer longe das câmaras de sofrimento dos hospitais, determinando o lance final.

Com mais de setenta anos, a viver só e a escrever no mais deprimente isolamento, decidi passar uns dias de férias na quarta cidade mais bonita do mundo. As férias de que nunca desfrutei e que irei interromper a qualquer momento, pela simples razão de serem muito limitadas... as *férias* de um condenado à morte.

O Intercidades arranca de forma suave. Os passageiros que chegaram em cima da hora vão entrando nas carruagens. Movendo-se devagar, olham os números que indicam os assentos, conferem

os bilhetes e sentam-se, depois de se certificarem de que estão no lugar certo. Pode parecer exagerado, mas a pessoa que se senta ao nosso lado num avião, num autocarro ou num comboio pode ter uma influência determinante nos dias, meses ou anos que temos diante de nós. Não penso muito nisso, mas sei que ninguém comanda totalmente o seu destino.

O passageiro que se senta ao meu lado é uma mulher de cinquenta anos. Com um metro e setenta de altura, é linda e fascinante, e não são apenas os seus olhos cor de avelã que me seduzem, mas ainda os cabelos acastanhados e brilhantes que lhe recortam os ombros e que às vezes apanha com uma fita, num rabo-de-cavalo. A tez do rosto é macia como veludo, e as covinhas que se formam quando sorri encantam-me. É meiga nos gestos e na voz, não apenas angélica, mas com um laivo de sensualidade que arrebata. Trata-se de Sílvia Frattini, jornalista sobejamente conhecida nos meios de comunicação social pelas reportagens televisivas dos mais sangrentos palcos de guerra — Cabul, Bagdade, Jerusalém e Damasco, entre outros. Sílvia conhece-me não só das entrevistas dadas às televisões, mas também dos encontros em eventos literários, e, como está temporariamente afastada das lides jornalísticas, marcámos esta viagem com antecedência. Cumprimentamo-nos como duas pessoas que se admiram mutuamente e iniciamos uma conversa que irá ter contornos difíceis de esquecer. Na carruagem, perto de nós, ouvem-se toques de telemóvel, falas doces e gritos, sons de música e de teclas a bater, mas tudo isso é vago e distante, porque só eu e Sílvia existimos.

Às 10h05, deslocamo-nos ao bar para tomar uma bebida. Durante o percurso, protejo a jornalista dos solavancos do comboio, mas Sílvia entende que, sendo eu bastante mais velho, devo ser alvo de todas as atenções e cuidados. Estará esta mulher corajosa e inteligente a ler o meu interior mais negro? A árvore está velha e carcomida, e não tardará a transformar-se em carvão e cinzas; contudo, a Natureza é pródiga a esconder as cicatrizes e talvez

uma torrente serôdia de seiva suba pelo caule, cobrindo os ramos de um efémero e enganador viço.

— Estás bastante magro e acho-te um bocadinho triste. Estou enganada?

— Quando atingimos o Outono da vida, não podemos esconder a realidade que ele nos traz — confesso.

Numa mesa em oscilação constante, Sílvia toma um copo de leite, enquanto saboreio uns goles de café bem quente, na tentativa de aquecer o corpo e a alma. Depois, a jornalista desloca-se para um espaço onde é permitido fumar e eu fico a olhar a paisagem a correr de forma veloz, como num plano de um filme, entregue a pensamentos onde só há negrura.

Sílvia diz que estou magro e que me acha um bocadinho triste, e não se engana. Estou a morrer de uma doença que me mina as carnes e me encova os olhos nas órbitas, esfumando aos poucos a minha ilusão de viver. De tal forma que estou com o olhar voltado para o mundo que tenho diante de mim, mas não olho para lado nenhum, tal um cego. A paisagem que desliza na minha frente mostra-me casas, árvores, riachos, campos, animais e pessoas que aparentemente dão vida ao quadro, mas que, ante a eternidade, já estão mortas. Que é a vida diante da eternidade? Nada. Um sopro de vento, uma folha que cai. Uma fracção de segundo, e deixamos de respirar. Uma fracção de segundo, e somos pó, cinza e nada.

A jornalista regressa do espaço onde fumou um cigarro e, durante a conversa que vamos alimentando, fala da sua experiência nos palcos de batalha:

— Vi metralhadoras a ceifarem pessoas que caíam como moscas. Vi ambulâncias a carregarem feridos que não eram senão amálgamas de carne viva. Vi corpos a serem sepultados em valas, como pilhas de estrume, alguns supostamente ainda vivos. Vi campos de extermínio e abrigos de refugiados, visitei feridos em hospitais, falei com soldados horrorosamente mutilados e vi como

os sentimentos humanos são espezinhados por indivíduos que se vestem de cordeiros e são lobos por dentro. No meu papel de repórter de guerra, passei horas de grande incerteza, estive perto de ser executada numa linha fronteiriça e estou hoje aqui graças à generosidade de um médico sem fronteiras que arriscou a vida para me salvar.

A minha admiração pela jornalista não tem limites e não me canso de a elogiar:

— Enfrentaste o perigo com a coragem dos heróis, conquistaste o respeito das pessoas que, de forma apaixonada, seguiram as tuas reportagens e estás a um passo de te tornar célebre.

Sílvia comove-se:

— Oh, generoso como sempre!

— Não é generosidade minha — insisto. — Um dia escrever-se-ão livros a teu respeito e o mundo inteiro ficará a saber o teu nome. Mais cedo ou mais tarde, Sílvia Frattini há-de converter-se numa verdadeira lenda!

Sinto a mão da jornalista a apertar a minha, o nosso olhar encontra-se e eu vacilo perante um ímpeto forte de a beijar. Controlo-me e, a seguir, caio numa tristeza profunda. *A Sílvia ainda se salvou, mas eu, quando pressenti que tinha cancro, soube logo que iria morrer,* penso. A repórter talvez queira dizer-me que a vida não é fácil para ninguém e que devo resignar-me, caso o destino esteja a pregar-me uma partida.

— Na frente de combate ou na retaguarda, vi sempre um laivo de esperança no olhar dos mais duramente atingidos. Um homem a quem uma mina tornou o rosto irreconhecível estava sereno e acreditava que sobreviveria porque precisava de ver a mãe. — Sílvia sonda-me com um olhar apreensivo. — Há contrariedades que dificultam os nossos projectos, mas temos sempre maneira de dar a volta por cima.

A desolação em que me encontro não estimula a jornalista a continuar o seu relato, e, por algum tempo, ficamos emudecidos como se não existíssemos.

***

Nenhuma criatura humana consegue suportar as trevas sem qualquer luz. Procuro vencer a escuridão que me rodeia, mas, para onde quer que me vire, só vejo punhais apontados ao meu pescoço. Entendes o que digo, Sílvia? Não vale a pena, é inútil prosseguir. Escolhi o sítio onde vou morrer, só não sei o dia e a hora. Tu apareceste-me como a última estrela a iluminar a minha noite e, por isso, quero-te ao meu lado. Ficarei sozinho no hotel, mas estarás comigo na imaginação. Sabes que és a mulher mais adorável que conheci e que vou levar-te comigo para a cova? O meu olhar não te engana e o teu olhar não me engana. Somos duas almas gémeas marcadas pelo destino.

Nos comboios, há sempre gente a circular de um lado para outro. A crise financeira trocou as voltas a muitas pessoas que, perdendo o emprego, recorrem à imaginação para garantir meios de subsistência. Rapazes e raparigas sem futuro, mulheres e homens de todas as idades, negoceiam em tudo o que é susceptível de dar lucro — doces, pipocas, queijadas, jornais, revistas, lotaria, artesanato e flores. Talvez o rapaz que vende flores seja o que mais negócio faz a bordo do Intercidades. Há encontros previstos, e uma flor, às vezes, conforta mais do que uma guloseima. Em muitos casos, pode ser a forma mais adequada de dizermos à pessoa que nos espera, algures, o quanto gostamos dela.

Sílvia compra uma rosa vermelha acabada de desabrochar e eu compro outra rosa vermelha cujo ciclo de vida já vai mais adiantado. À chegada a Lisboa, a jornalista olha-me no fundo dos olhos e oferece-me a flor que adquiriu no comboio.

— Guarda-a no fundo do teu coração — sussurra-me. — Quero estar contigo até ao fim dos teus dias.

Estreita-me nos braços e esconde a lágrima rebelde que lhe aflora ao canto do olho. Estou comovido. Vou morrer em breve e não tenho palavras. Por fim, reunindo forças, deposito um beijo na face molhada da jornalista e ofereço-lhe a minha flor, já um pouco murcha.

— O tempo não espera. A Primavera passou e a rosa que guardei para ti já não tem a frescura de outros tempos.

Sílvia recolhe a flor que deposito com carinho nas suas mãos, beija-me sofregamente e roga:

— Não vás ainda. Fica mais um pouco!

Sinto uma dor profunda no peito, uma dor que me tortura e oprime. Mas o meu olhar pungente, ao mesmo tempo derrotado e expressivo, vai respondendo às súplicas da encantadora mulher que me afaga os cabelos grisalhos e me puxa para si.

— Sei que ainda esperas por mim, sabendo que o Outono chegou e que, uma a uma, as pétalas vão caindo, enrugadas pela brisa, castigadas pelo vento — soluço.

O corpo de Sílvia estremece. Parece que vai desfalecer. Tento reconfortá-la com a ternura do meu olhar.

— Não desanimes, vendo o tempo passar. A rosa há-de murchar, até restar a derradeira pétala. Então, recolhe-a com carinho. Nela está gravada a palavra «amor».

Saímos da estação de Santa Apolónia, mas não vamos despedir-nos já. A sugestão de Sílvia para almoçarmos juntos tem a minha aprovação, uma vez que não altera os meus planos. No restaurante O Cortiço, a uma escassa centena de metros do Museu Militar, falo-lhe do propósito de me instalar num hotel a fazer pesquisas para um livro, mas Sílvia desconfia. Não lhe palpita que vou continuar a escrever, mas, antes, que desisti de acreditar no futuro. Enquanto dura o almoço, fico a saber coisas da sua vida privada, nomeadamente, que João Silva Torres, o marido, está ligado aos negócios. O homem, que já exerceu cargos políticos importantes em Portugal, é agora dono de um bar famoso, Curtir a Noite, no centro de Lisboa. Ultimamente, consome drogas pesadas. As relações entre o casal são praticamente impossíveis, passando pela violência.

— O teu marido agride-te?

— Infelizmente, sim. A agressão não é apenas física, mas também psicológica, emocional e sexual. Como passo muito tempo fora de casa, o João não se coíbe de me enviar *e-mails* sujos, como este que posso mostrar-te.

Sílvia abre o portátil, rebusca a mensagem desejada e, com uma amargura do tamanho do Universo, trá-la para diante dos meus olhos:

> *Sonhei esta noite que te beijava o corpo, começando pelos pés e terminando na boca. Não te queimei o interior das coxas nem os seios com o morrão de um cigarro, porque despertei com uma vontade louca de te possuir. Com voracidade, como um leão na selva. Não esperes de mim palavras civilizadas e sensatas. Os bons hábitos entre nós acabaram.*

— Lamento a conduta indigna a que o teu marido chegou. Se assim é, porque não te separas dele?

— Estou prestes a fazê-lo. O meu advogado já moveu um processo contra o João, mas a justiça em Portugal anda a passo de caracol, como sabes.

Fico consternado e sem palavras, mas Sílvia não gosta do meu silêncio.

— Preocupo-me mais contigo do que comigo, acredita. Estás confortável?

Tento esconder o frio glacial que me enregela o corpo, a alma e os sentimentos.

— Sim, a temperatura ambiente é acolhedora. Estou aqui melhor do que no Paraíso...

— Aqui, no pino do Inverno, a lareira está sempre acesa. Quando ando por perto, nunca deixo de frequentar O Cortiço. — Sílvia olha-me com uma ternura infinita. — Sei que não deixarás de te instalar num bom hotel, mas receio que a solidão te congele os dias de repouso. Quando estamos sozinhos ou quando nos sentimos dominados pelo pânico, não há nada que nos aqueça, nem mesmo um copo de bom vinho.

Peço a Sílvia que se tranquilize a meu respeito, mas ela está céptica.

— Deus te guarde — soluça já na rua, no doloroso momento da despedida. — Se Deus se esquecer, alguém olhará por ti.

Beijo Sílvia pela última vez e dirijo-me para a praça de táxis que fica defronte da estação de caminho-de-ferro.

NOVOTEL DO CHIADO

Lisboa, 13 de Janeiro de 2016.

Acordo com o coração a bater a um ritmo pouco habitual. Sento-me na cama e tento respirar fundo, o que demora alguns segundos. As cortinas das janelas estão fechadas, mas a luz ténue que transparece é suficiente para me ferir os olhos. Onde estou? Há um jarro de água sobre a mesinha-de-cabeceira, encho um copo e levo-o à boca. O líquido escorre-me através da garganta e sinto-me um pouco mais aliviado, sobretudo porque a suíte onde me encontro não tem nada a ver com um quarto de hospital. Tento recordar-me do dia anterior, mas preciso de algum tempo para recuperar a memória. O médico que diagnosticou o tumor maligno disse-me que, no meu caso, o esquecimento está directamente relacionado com o carcinoma, mas nem todas as pessoas vítimas de cancro padecem de amnésia. O especialista não deu mais explicações. A medicina nem sempre satisfaz as nossas dúvidas.

Já sei onde estou. Não porque a memória me tenha favorecido, mas porque o dístico gravado em letras garrafais na almofada é esclarecedor: NOVOTEL DO CHIADO.

Levanto-me com vagar e tento apagar a dor. Com passos hesitantes, caminho até ao quarto de banho, tapo o ralo da banheira e deixo a água a correr. O medo é uma coisa que tenho de afastar o mais possível de mim. Quando me afundo na água tépida, a imagem de Sílvia cai-me na mente como um raio de luz vindo do céu. Imagino não só a sua beleza, mas também o perfume dos seus cabelos a invadir-me as narinas. Como gostaria de a ver agora aqui, a massajar-me o corpo e a enxugar-me com a toalha de banho! A viagem no Intercidades e o almoço n'O Cortiço ainda estão presentes na minha memória. Lembro-me de me ter dito que o marido a agride, física e psicologicamente. Silva Torres é toxicodependente e deveria ser internado, para não cometer mais barbaridades. Um imbecil, que se casou com a mais adorável das mulheres e a trata de forma indigna. Um idiota, que ameaça torturar Sílvia. Um sádico, que é indigno de pisar a face da Terra.

Saio do quarto de banho, visto-me e chamo o elevador. Em vez de descer, subo. Sendo o hotel onde estou hospedado um lugar de mil e um encantos, mil e um prazeres, vou tomar o pequeno-almoço no terraço. O restaurante está protegido do frio e do calor, e as suas janelas de vidro duplo mostram deslumbrantes vistas sobre o Tejo, a Ponte 25 de Abril, o Cristo-Rei e a Margem Sul. Deste ponto alto, a cidade de Lisboa surge diante de mim como se a visse da janela de uma aeronave. Simplesmente deslumbrante.

Enquanto saboreio a minha torrada, sigo as notícias do dia através do ecrã de um televisor. Nada de interessante para mim, nada que me desperte entusiasmo, nada que me impressione e empolgue. Oiço sem escutar, olho sem ver. À minha volta, os hóspedes do hotel também não parecem interessados no que o pivô vai transmitindo, cansados como estão de banalidades. O país é bonito aos olhos dos turistas, mas os políticos, sem estofo intelectual para subscreverem um acordo entre partidos que dure pelo menos uma década, não são capazes, ou não parecem capazes de

o tirar do lodo financeiro em que se atolou. De repente, eis que uma notícia me entra pelos ouvidos:

> *O automóvel da jornalista Sílvia Frattini foi encontrado esta madrugada a boiar no Tejo, nas proximidades da Gare Marítima de Santa Apolónia. A conhecida repórter de guerra, de cinquenta anos, está desaparecida desde ontem. A viatura já foi retirada do rio, mas o corpo da jornalista não foi encontrado. Para já, não há indícios de homicídio. É sabido que Sílvia Frattini moveu um processo-crime contra o empresário da noite e ex-político João Silva Torres, seu marido, alegadamente por violência doméstica. A Polícia Judiciária está a investigar este misterioso desaparecimento.*

Sílvia está desaparecida! Em pânico, levanto-me e vou até à parte descoberta do terraço. O céu está azul, mas o sol de Janeiro não tem força suficiente para aquecer a Terra e uma brisa gelada fustiga-me o rosto, golpeando a pele como uma lâmina. Tenho a impressão de que até Fernando Pessoa, lá em baixo, sentado na esplanada d'A Brasileira, está transido de frio, apesar dos admiradores que o ladeiam para a fotografia da praxe. Apoiado no resguardo do terraço, resisto aos rigores da friagem. Resisto, porque me lançaria no abismo se soubesse que a jornalista deixara de pertencer ao mundo dos vivos. Assim, vou segurar o gatilho por mais algum tempo, o tempo que a doença determinar, porque, com Sílvia viva ou morta, a minha vida está por um fio.

Há mais desenvolvimentos sobre o desaparecimento de Sílvia. Marina Duarte, proprietária de um quiosque situado no largo fronteiriço à estação de Santa Apolónia, disse à Polícia que viu a jornalista na minha companhia, ontem, ao princípio da tarde, a sair da estação de caminho-de-ferro. Pressinto que não terei mais sossego. Ou então, terei de refugiar-me no quarto, a escrever. Tive várias actividades ao longo da vida — escriturário, agente comercial, dactilógrafo, escritor, e outras mais. Poderia reinventar-me e trabalhar secretamente no hotel como guionista de novelas.

Mas vim para Lisboa para desfrutar dos últimos dias de vida e não estou minimamente interessado em ficar aqui fechado, a queimar as pestanas.

Não tenho tempo sequer de me alongar nas cogitações porque o telefone fixo toca. Atendo: é o recepcionista do hotel.

— Está aqui o inspector Francisco Mortágua, acompanhado pelo agente Afonso Durão. Desejam falar com o escritor Luís Bernardo Santiago. Reparo que este nome não corresponde à identidade do Cartão de Cidadão que entregou na recepção do hotel e que, segundo a Polícia, não passa de um heterónimo. Agora diga-me se quer descer à recepção ou se está disposto a receber na sua suíte as autoridades policiais.

A minha resposta é lacónica:

— Diga a esses senhores que subam.

Quando o inspector Mortágua e o agente Durão chegam ao sétimo andar do edifício, estou à porta da suíte, para os receber. O inspector é um homem alto, musculado, com o queixo, o pescoço e parte do rosto tomados por um extenso mapa de manchas esbranquiçadas. Quanto ao agente, é um sujeito baixo e barrigudo que me faz lembrar uma dorna.

— Inspector Francisco Mortágua.

— Afonso Durão, agente da Polícia Judiciária.

— Luís Bernardo Santiago. Queiram entrar.

— Obrigado — agradece o inspector, mostrando as credenciais. — Desculpe o incómodo desta visita, mas deve calcular o motivo por que estamos aqui.

— Não sei a que se refere.

Mortágua olha-me de frente.

— Não costuma ver televisão nem lê jornais?

— Quando tenho tempo e disposição.

— Está ao corrente do desaparecimento de Sílvia Frattini?

— Sim.

— A notícia não o deixou abalado?

Engoli em seco.

— A jornalista é uma pessoa admirada por muita gente, não só em Portugal, mas também no estrangeiro. Somos amigos íntimos, encontramo-nos diversas vezes nas apresentações dos meus livros e não podia ficar indiferente, como deve calcular.

— Então, já deve ter percebido a razão da nossa visita: o senhor foi a última pessoa a ser vista na companhia da repórter.

Irrito-me, talvez sem razão.

— Está a insinuar que posso estar envolvido no desaparecimento da Sílvia?

O inspector não sai da sua posição calculista.

— Não estou a insinuar nada. Deverá compreender que compete à Polícia interrogar todas as pessoas directamente relacionadas com este caso enigmático.

INTERROGATÓRIO

Lisboa, 14 de Janeiro de 2016.

A Polícia quer inteirar-se das minhas relações com Sílvia. Já disse ontem ao inspector Mortágua que sou fã da jornalista e que nos encontrámos várias vezes nas apresentações dos meus livros.

— Esteve há dois dias com a repórter.

— Sim, é verdade. Viajámos até Lisboa no comboio Intercidades, a partir da estação de caminho-de-ferro de Campanhã.

— Encontraram-se por acaso?

— Não. A Sílvia soube com antecedência que eu viajaria para Lisboa e, como tencionava rumar à capital na manhã do dia 12, comprou dois bilhetes, um para ela, outro para mim.

Mortágua desconfia:

— Uma jornalista de nomeada como a Sílvia Frattini tem sempre à disposição viaturas das estações televisivas...

Sinto-me na obrigação de esclarecer:

— A Sílvia está de férias há algum tempo. Além disso, gosta de viajar de comboio.

O inspector passa à frente.

— Já me disse que a viagem foi marcada com antecedência. Parece que o encontro se prolongou...

— Como assim?

— Almoçaram no restaurante O Cortiço, não muito longe do Museu Militar.

Já vasculharam tudo, penso.

— Confirmo. A jornalista convidou-me e eu aceitei.

Mortágua prossegue:

— Tem ideia da duração do almoço?

Limito-me a abanar a cabeça:

— Não sei. Tenho perdas de memória.

— Maria José Louro, proprietária d'O Cortiço, revelou-nos que estiveram cerca de hora e meia na sala de jantar, junto à lareira. Comeram robalo grelhado e beberam duas garrafas de bom vinho. Confirma?

Não me agrada o tom da pergunta.

— Se acha que somos alcoólicos, tomo isso como uma ofensa.

Mortágua procura desculpar-se:

— Não tem o direito de colocar na minha boca palavras que eu não disse.

Está na hora do almoço e a Polícia suspende o interrogatório.

Tal como calculava, não vou ter sossego em Lisboa. Decorre o terceiro dia de férias e ainda nem sequer visitei a parte reconstruída do Chiado. Os jornais de hoje voltam a falar do desaparecimento da repórter. O diário com mais tiragem em Portugal dá a notícia na primeira página:

> *ESCRITOR LUÍS BERNARDO SANTIAGO INTERROGADO PELA POLÍCIA JUDICIÁRIA NO ÂMBITO DO DESAPARECIMENTO MISTERIOSO DA JORNALISTA SÍLVIA FRATTINI.*

O romancista, que tem três heterónimos, está hospedado num conhecido hotel da Baixa lisboeta. Até ao momento, não há indícios consistentes de que possa estar envolvido no desaparecimento da célebre repórter. O facto de o escritor ter viajado de comboio na companhia da jornalista, de terem almoçado juntos e de ser a última pessoa a ser vista com ela levanta suspeitas. No entanto, Luís Bernardo não foi acusado, nem sequer detido. O escritor, de 73 anos, sofre de amnésia e neoplasia hepática, e o seu estado de saúde contribuiu para o adiamento da detenção para averiguações.

A notícia veiculada pelo jornal deixa-me nervoso. Não acredito que Sílvia tenha sido vítima de homicídio. O que está a acontecer não passa de uma farsa, de uma mentira. Embustes acontecem todos os dias, não servindo para outra coisa senão para poluir o mundo, que carece de transparência e de verdade. Uma mentira é como um tumor maligno que mina um corpo, contaminando todos os órgãos. E, se for bem urdida, pode contagiar uma cidade, um país ou o planeta inteiro. Como uma mentira precisa de outras mentiras para se manter robusta, receio que possam envolver-me em intrigantes logros. Não quero sequer pensar neles, pois já me basta a doença que me consome em silêncio.

A Polícia quase não me dá tempo para almoçar. Às 14h00, já está ao alto comigo.

— Como é do conhecimento público, Sílvia Frattini e o empresário Silva Torres entraram em litígio. A sua amiga falou-lhe das suas relações com o marido?

— Sim. A violência doméstica é uma coisa que a preocupava.

— Que tipo de violência? O Silva Torres batia na mulher?

— A Sílvia disse-me que a violência não era apenas física, mas também psicológica, emocional e sexual.

O inspector insiste:

— A jornalista revelou-lhe alguma coisa em concreto?

Não fujo à pergunta.

— A Sílvia contou-me que o marido lhe enviava *e-mails* provocatórios sempre que ela viajava em reportagem.

— Que tipo de *e-mails?*

— A Sílvia só me mostrou um.

— É capaz de o evocar textualmente?

Sofro de amnésia, mas tenho momentos em que a memória parece disposta a recompensar-me dos momentos negativos em que me esconde o passado.

— Vou tentar. Só um lampejo de memória poderá favorecer-me.

O agente Afonso Durão vem em auxílio do inspector:

— Tente. Toda a ajuda que puder dar-nos nas investigações será recompensada.

Fecho os olhos por momentos e sigo o fascinante percurso das palavras:

> «Sonhei esta noite que te beijava o corpo, começando pelos pés e terminando na boca...»

Consigo a proeza de evocar todas as palavras do *e-mail*. Afonso Durão sorri, talvez um sorriso estudado.

— Brilhante, o seu lampejo de memória — comenta.

Encolho os ombros.

— Aconteceu por mero acaso. Se tentar repetir a façanha, pode acontecer não me lembrar de uma única palavra.

O inspector e o agente alteram a direcção da bússola. Numa fracção de segundo, deixo de ser o alvo principal da investigação, já que a agulha está agora voltada para o marido de Sílvia.

— O Silva Torres parece descarregar uma torrente de ódio sobre a mulher. Será que a jornalista lhe deu algum desgosto conjugal?

— Hum... Como assim?

Mortágua não hesita.

— Ora, uma facadinha pelas costas...

Encolho os ombros.

— Não sei que lhe diga. O empresário da noite, que já foi um destacado político, há muito que não se dá ao respeito. Disseram-me que foi apanhado em cenas de sexo com meninas do bar que dirige e que injecta nas veias todo o tipo de drogas. Acha que a Sílvia tinha o dever de respeitar um homem destes? Muito sinceramente, penso que ela fazia a sua vida sem dar satisfações a ninguém.

O inspector não desarma:

— O Silva Torres comete excessos com mulheres, viciou-se na droga, mas parece que também a jornalista tinha as suas fraquezas...

A pergunta desconcerta-me.

— Queira ser claro.

— Sê-lo-ei: a Sílvia Frattini bebia uns copos...

— A acusação é do marido, na tentativa desesperada de esconder os próprios vícios — contesto. — Acha que, se fosse alcoólica, a Sílvia desempenharia funções tão arriscadas nos teatros de guerra por onde passou? Não digo que ela não bebesse em festas com amigos. Acontece com gente famosa nos quatro cantos do mundo.

O agente interrompe:

— Um condutor alcoolizado pode cometer graves infracções, matar alguém ou precipitar-se numa ravina.

A hipótese levantada por Afonso Durão não é convincente.

— Está a tentar justificar o que aconteceu no Tejo? Se a Sílvia perdeu o controlo da viatura que supostamente conduzia, é estranho que não tenham encontrado o seu corpo no interior do carro ou a flutuar nas águas do rio...

Francisco Mortágua lança-me um olhar penetrante:

— Tem alguma suspeita que possa contribuir para o apuramento da verdade?

— Querem pistas, não é?

— É óbvio que sim; o senhor é a peça-chave para as investigações...

Encolho os ombros, mas não deixo de lembrar:

— Se a Sílvia não foi encontrada na viatura que conduzia, se é que a conduzia, alguém pode ter forjado o acidente, com a finalidade pura e simples de... enganar a Polícia.

— Está a insinuar o quê? — Mortágua fita-me com um ar cortante. — Não estará a teatralizar?

— Com que objectivo? Será que ainda não perceberam que jamais atentaria contra a vida da Sílvia, sendo ela uma amiga íntima?

O agente Durão intervém:

— Não disse que «alguém» pode ter forjado o acidente?

— Confirmo.

— Esse «alguém» pode ser o senhor...

Estou prestes a perder as estribeiras.

— Mas para quê?! Ainda não perceberam que... que amo a Sílvia? — refuto.

Mortágua e Durão entreolham-se. Nenhum dos investigadores está disposto a dar provas de incompetência.

— Não faça de nós uns papalvos — avisa, de má catadura, o inspector. — O senhor não disse que a jornalista quer divorciar-se do marido, e que este lhe inflige maus-tratos e sevícias?

— Aonde quer chegar?

O inspector olha-me de frente e dispara:

— Não falo propriamente de um sequestro, mas pode ter escondido a sua amiga com o propósito de a proteger.

Não gosto das falinhas ambíguas de Mortágua.

— Se, de forma sub-reptícia, está a insinuar que raptei a Sílvia, desengane-se — aviso. — Aliás, se tivéssemos combinado alugar um espaço para lá viver, longe da vista do Silva Torres, não seria preciso todo o ruído do acidente, todo o chinfrim da comunicação social...

Uma lágrima rebelde sulca-me o rosto, e os investigadores ficam em silêncio, espiando as minhas reacções. A razão tem muita força, e lamento o que está acontecer-me:

— Não ganhei o Nobel da Literatura, mas tenho livros publicados que tiveram muito sucesso. Não é propriamente isso que está em causa, mas o meu nome e os amigos que granjeei, sobretudo nas redes sociais. Como sabem, estou a ser comentado na praça pública, e, embora não tenha sido constituído arguido, a minha situação não é cómoda.

— Lamento, mas só posso dar-lhe um conselho — diz o inspector.

— Que conselho?

— Se sabe do paradeiro da jornalista, não invente histórias no sentido de desviar a atenção dos investigadores. Mais cedo ou mais tarde, a verdade acabará por vir à superfície...

Irrito-me com a obstinação de Mortágua.

— Sei que o papel da Polícia é exigente, por vezes ingrato, mas, por amor de Deus, não sejam cáusticos comigo. Não sou um delinquente...

— Sabemos disso.

— Se sabem, porque me rodeiam com tanta veemência, como se estivessem na posse de dados comprometedores? Já lhes disse o que a Sílvia representa para mim. Bolas, isso não lhes chega?

— Acalme-se — exorta o inspector, mudando de táctica. — Se está inocente, ajude-nos a encontrar o fio à meada. O processo ainda está no início, mas há dois presumíveis culpados, dois presumíveis suspeitos de sequestro. É firme a convicção da Polícia de que a jornalista foi sequestrada e, como já referimos, o senhor é uma peça-chave para as investigações.

— Quem são os suspeitos?

Mortágua poisa em mim um olhar frio e irónico:

— O senhor e o empresário Silva Torres.

Nada magoa mais do que sermos olhados com desconfiança quando estamos inocentes. Sem perder a compostura, protesto:

— É injusto o que estão a fazer-me, não apenas porque me encontro doente, mas também devido à minha idade.

— Como assim?

— Se fosse mais novo, teria tempo de provar a minha inocência. Na situação em que me encontro, a tarefa é bem mais difícil. E, como homem honrado que sou e escritor com obra publicada, causa-me angústia morrer com uma nódoa a ensombrar o meu nome.

O inspector olha-me com um ar de fingida complacência:

— Não é tão dramático assim. Como referiu, não foi sequer constituído arguido...

— É um facto, e espero que tal não venha a acontecer. No entanto, o ruído provocado pela comunicação social é, nestes casos, determinante.

— Determinante, como?

— Na maioria das vezes, os suspeitos nem sequer foram ouvidos em tribunal e já estão condenados na praça pública.

Mortágua encolhe os ombros.

— Nem sempre os órgãos de informação prestam um bom serviço à comunidade...

O agente Durão olha-me com uma expressão interrogativa:

— Sabe como são os jornalistas, não sabe?

Não me apetece responder, mas acabo por desabafar:

— O pior que há num jornalista é a sua desmesurada ansiedade de ser o primeiro a dar a notícia. O que vou dizer-lhe tem muito de fantasioso, mas alguns jornalistas seriam capazes de matar a mãe, para serem notícia...

O CADÁVER

Lisboa, 15 de Janeiro de 2016.

As notícias da imprensa são alarmantes. No jornal que vem parar-me à mão, leio:

> *CORPO DE MULHER DE CINQUENTA ANOS, SEMINUA E DECAPITADA, ENCONTRADO A BOIAR NO ESTUÁRIO DO TEJO.*
>
> *Sexta-feira, 15. Cerca das 7h35, dois homens que se dedicavam à pesca encontraram um corpo a boiar no estuário do Tejo, numa zona conhecida por Mar da Palha. Avisadas as autoridades, o cadáver foi transportado para o Instituto Nacional de Medicina Legal e está a ser examinado por especialistas. A decapitação do corpo é um óbice de peso, não só à identificação da vítima, mas também à descoberta do autor, ou autores, deste hediondo crime. Perante os vestígios periciais recolhidos, a Polícia não descarta a possibilidade de se tratar do corpo de Sílvia Frattini, a jornalista desaparecida no dia 12 do corrente mês. As provas são frágeis, mas as investigações vão prosseguir.*

Mais uma facada no coração. Apesar de não fazerem sangue, tenho medo destes golpes, pois matam mais depressa. Levanto a

cabeça e fecho os olhos, passando os dedos pelas pálpebras. Com os olhos fechados, fico às escuras, sobretudo na primeira fracção de segundo. Depois começo a ver pontos brilhantes que são os seres radiosos que habitam as trevas em que a minha alma mergulhou. A obscuridade é uma coisa que assombra a maioria das pessoas, e confesso que durante toda a minha vida tentei fugir da escuridão. Mas, neste momento de trevas, sinto que o negro que me rodeia não é tão infinito, tão absoluto. De forma mágica, começo a vislumbrar algo de luminoso dentro deste poço sem fundo.

Não, Sílvia, tu não estás morta. Ninguém teria a coragem de te matar. Imagino-te a escrever uma crónica, talvez a rir-te dos que pensam que foste decapitada e ainda dos que suspeitam de mim. Sabes que te admiro profundamente e que seria incapaz de te causar qualquer tipo de sofrimento, não sabes? Queria dizer-te uma coisa, Sílvia: sou um homem sem esperança de vida, parado diante dos portões da morte, à espera de os atravessar, sozinho, numa noite fria e sem estrelas. No entanto, só para ter a certeza de que estás viva, vou fazer um esforço sobre-humano para adiar a minha morte. Tenho sonhado contigo e ainda esta noite te vi a resgatar de uma vala comum um corpo com vida. Deixaste que o pelotão de fuzilamento se afastasse, meteste o executado na mala do carro e levaste-o ao hospital. Os sonhos reflectem muitas vezes os nossos sentimentos, e eu revi-me no soldado atingido pelas balas...

A Polícia de Investigação não dorme em serviço. Horas depois da descoberta do cadáver a boiar no estuário do Tejo, Paulo Arcanjo, o taxista que me conduziu da estação de Santa Apolónia ao Novotel do Chiado é ouvido pelo inspector Mortágua. A Polícia quer saber se eu apresentava algum nervosismo e parece disposta a submeter a viatura onde viajei a testes de cães pisteiros. A GNR tem cães especificamente treinados para marcarem cadáveres; contudo, não possui cães que consigam detectar vestígios de sangue. Se Francisco Mortágua quiser levar por diante o seu plano, terá de recorrer a uma equipa cinotécnica estrangeira.

Neste impasse, toma a decisão de interrogar o marido de Sílvia. O inspector não vai de mãos vazias. Na companhia do agente Afonso Durão, leva consigo uma folha de papel com os seguintes apontamentos:

a) Silva Torres é dono do bar Curtir a Noite;
b) É consumidor de heroína e canábis;
c) Exerceu violência física e psicológica sobre a mulher;
d) Enviou-lhe *e-mails* provocatórios;
e) Foi apanhado em cenas de sexo com meninas do bar;
f) Vizinhos ouviram discussões entre o casal;
g) Sílvia Frattini moveu um processo-crime contra o marido.

Francisco Mortágua e Afonso Durão encontram Silva Torres no bar. O empresário dir-se-á preparado para mais uma noite de trabalho, mas o seu estado não é o melhor. Fumou canábis ao princípio da tarde, mas a droga já deixou de exercer o seu efeito no organismo, tornando-o ansioso e depressivo. Tem os olhos vermelhos e os seus reflexos não são os de uma pessoa normal, denunciando falta de noção de tempo e perda de memória, sobretudo de factos recentes. A canábis, que produz euforia e um sentimento de bem-estar, dando ao consumidor a ilusão de fruir o paraíso, tem efeitos adversos na ressaca, causando não apenas amnésia, mas ainda perda de coordenação motora, equilíbrio e até da fala.

— Boa noite!

— Boa noite!

Sem sair do sério, o inspector e o agente mostram as suas credenciais.

— Somos da Polícia Judiciária e estamos aqui para o interrogar.

Silva Torres boceja:

— Perdem o vosso tempo: as meninas que trabalham no bar estão dentro da lei.

Mortágua passa a mão no mapa de manchas esbranquiçadas da cara e responde:

— Não estamos aqui por causa disso.

— Hum! Então, estão por causa de quê? — E, perante o silêncio premeditado das autoridades, o empresário da noite indaga: — Que aconteceu?

O inspector não está disposto a deixar os seus créditos por mãos alheias e ataca ferozmente:

— No estuário do Tejo, numa zona conhecida por Mar da Palha, foi encontrado o corpo seminu de uma mulher de cinquenta anos. O assassino decapitou-a.

Silva Torres estranha:

— Que tenho eu a ver com isso?

— Pensei que ficasse inquieto...

— Como assim?

O agente Afonso Durão intervém:

— A sua mulher, da mesma idade, está desaparecida há três dias...

Silva Torres reage com visível irritação:

— Porra... Eu não matei a minha mulher!

Francisco Mortágua contra-ataca:

— Mas sabe o motivo por que estamos aqui...

— Como assim?

O inspector descarrega:

— Sabe que tem infernizado a vida à sua mulher. Ou infernizou, uma vez que, segundo as informações que recolhemos de fonte segura, já não vive com ela...

O empresário não gosta do que ouve.

— Infernizar é um termo demasiado duro... Já não vivo com a Sílvia, porque ela moveu um processo de divórcio, alegadamente, por violência doméstica. Violência que nunca existiu!

— Ah, sim? — Francisco Mortágua usa uma táctica demolidora. — Porque seviciar o corpo da sua mulher é um gesto de amor e carinho, não é?

— Repudio tal acusação! — protesta o inquirido, visivelmente incomodado.

O inspector não desarma:

— Não vale a pena negar. O senhor enviou *e-mails* ofensivos à sua mulher e criou-lhe sérios problemas, provavelmente devido ao seu consumo excessivo de drogas. Talvez não se lembre de ter discutido com ela, mas há relatos de vizinhos que confirmam essas altercações.

Silva Torres é a imagem de um homem derrotado. De repente, começa a soluçar:

— É verdade que sou toxicodependente. Quando deixei a política e montei o bar, fumava canábis apenas por passatempo. Depois... Depois comecei a ter problemas com a minha mulher e passei a consumir de forma compulsiva. Para agravar a situação, comecei também a experimentar heroína e dei cabo da minha vida.

— Sim, continue...

O interrogado prossegue:

— Dizem que são coisas do destino, mas o destino tem muito a ver com aquilo que nos rodeia. O problema da minha desgraça foi a Sílvia estar fora. — Respira fundo. — Deitava-me à noite na cama e não a tinha ao meu lado. Se adormecia, acordava com ela no pensamento. Não me adiantava estender o braço, porque o colchão estava sempre vazio...

— Estamos a ouvi-lo com atenção. Continue...

— Andei durante meses a combater o espectro da solidão, mas acabei por me dar por vencido. — Passa a mão pelo rosto. — A solidão é o principal inimigo do ser humano. Nem mesmo a fome é mais angustiante.

O empresário interrompe o desabafo, para limpar as lágrimas, e prossegue o seu discurso:

— A par do desgosto de estar sozinho, veio o ciúme. Comecei a pensar que a minha mulher tinha amantes, e a obsessão roubou-me o sossego. As nossas discussões vêm daí...

— Sim.

— Um dia, não me contive, agarrei na Sílvia, torci-lhe um braço e chamei-lhe «puta». Depois disso, excedi-me várias vezes.

Confesso que, se tivesse de pedir desculpa à minha mulher pelas palavras ofensivas que lhe dirigi, teria matéria para escrever um livro.

Mortágua tenta encurralar o inquirido:

— Mais teria se estivesse disposto a narrar as sevícias que lhe infligiu, nomeadamente as queimaduras...

Silva Torres protesta:

— Isso não é verdade. Posso ter ameaçado a Sílvia, mas nunca passei das palavras aos actos. Sei que tenho defeitos, posso ser um sacana de merda, um viciado em droga, mas não sou sádico.

— A sua mulher moveu-lhe um processo-crime — insiste o inspector. — Da acusação, consta «violência física, psicológica, emocional e sexual».

O interpelado reage:

— A minha mulher perdeu a cabeça. Nada do que ela me acusa é verdade. Posso ter tido uma ou outra atitude menos sensata, mas nunca a agredi. — Sopra de enfado. — A Sílvia é uma galdéria, uma libertina, mas a culpa não é só dela.

— De quem é, então?

— Ora, de quem anda a comê-la.

Mortágua indaga:

— Desconfia de alguém?

— Quando uma mulher não se deita no leito conjugal, o marido sente-se no direito de desconfiar de toda a gente — alega Silva Torres. — Percebe o que quero dizer, não percebe?

O inspector insiste:

— A Polícia tem todo o interesse em conhecer as pessoas com quem a sua mulher se relaciona. Como sabe, a jornalista está desaparecida e não podemos descurar nenhuma pista que possa levar-nos à descoberta do seu paradeiro.

— Está a pedir-me o impossível — recusa o interrogado. — A Sílvia é uma repórter de reputação internacional e relaciona-se com imensas figuras públicas, sobretudo dos meios jornalísticos e literários.

— Isso é óbvio...

— Então, se é óbvio, não me faça perguntas impossíveis.

Mortágua não gosta do comportamento do empresário.

— Está a pisar o risco e nenhum inspector gosta disso. Fique sabendo que lhe farei todas as perguntas que achar convenientes, ouviu?

O interpelado tem a resposta na ponta da língua:

— E eu responderei às perguntas que bem entender. O silêncio é um direito que me assiste.

Francisco Mortágua está visivelmente agastado.

— O interrogatório chegou ao fim — avisa. — Lamento dizer-lho, mas a sua liberdade fica condicionada a partir de hoje.

Silva Torres deixa cair os braços.

— Como assim?

— O senhor é suspeito de ter assassinado a sua mulher.